

IV Encontro  
de **Letras**

**21**

Anos  
de **Intera(r)tividade**  
**Docente**



## CONSELHO EDITORIAL

### **Presidente**

Antonio Almeida

### **Coordenação da Editora Kelps**

Ademar Barros

Waldeci Barros

Leandro Almeida

José Barros

### **Conselho Editorial**

Prof. Abrão Rosa Lopes

Escritor Brasigóis Felício

Prof. F. Itami Campos

Escritora Sandra Rosa

Escritor Ubirajara Galli

Dra. Berta Leni Costa Cardoso

Prof. Antônio César Martins Lopes

Ana Érica Reis da Silva Kühn  
Zoraide Magalhães Felício  
(Organizadoras)

**IV Encontro de Letras:**  
**21 anos de intera(r)tividade docente**

Universidade Estadual da Bahia  
(UNEB)  
2019

**Copyright © 2009 by Ana Érica Reis da Silva Kühn, Zoraide Magalhães Felício**

**Editora Kelps**

Rua 19 nº 100 — St. Marechal Rondon- CEP 74.560-460 — Goiânia — GO

Fone: (62) 3211-1616 - Fax: (62) 3211-1075

E-mail: [kelps@kelps.com.br](mailto:kelps@kelps.com.br) / homepage: [www.kelps.com.br](http://www.kelps.com.br)

Diagramação: Alcides Personi  
[designer.pessoni@gmail.com](mailto:designer.pessoni@gmail.com)

Arte da capa: Alan Brasileiro

**CIP - Brasil - Catalogação na Fonte**

Responsável legal

Dartony Diocen T. Santos CRB-1 (1º Região)3294

Felício, Zoraide Magalhães. Kühn, Ana Érica Reis da Silva.  
IV Encontro de Letras: 21 anos de intera(r)tividade docente - Goiânia: /  
Kelps, 2019

286 p.: il.

1. Literatura brasileira 2. Artigos 3. Acadêmicos I. Título.

CDU: 821.134.2(81)-(045)

ISBN: 978-85-400-2718-3

**DIREITOS RESERVADOS**

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610 de 19/02/1998, artigo 29 e seus incisos. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito do autor, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográfico, gravação ou quaisquer outros.

# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
STALKEAR: INOVAÇÃO LEXICAL .....	10
POESIA E ENSAIO CRÍTICO EM PAULO LEMINSKI.....	28
REPRESENTAÇÕES FEMININAS EM <i>RAINHA VASHTI</i> , DE MYRIAM FRAGA .....	47
LACROU: ANÁLISE NA PERSPECTIVAMORFOLÓGICA .....	64
A ANÁLISE DE UMA IMAGEM DA EMPRESA MCDONALD’S A LUZ DA SEMIÓTICA PEIRCEANA.....	77
UMA ANÁLISE DO USO DA PALAVRAS “TODXS” A PARTIR DAS CONCEPÇÕES SOBRE MASCULINO GENÉRICO E A QUESTÃO DE GÊNERO .....	94
DIÁLOGOS ENTRE A LITERATURA E OUTRAS ARTES NA POESIA DE SOUSA CASTRO E NO FILME “BESOURO” .....	113
ESCREVER É RECONSTRUIR: DIÁLOGOS SOBRE PRODUÇÃO TEXTUAL NO ESTÁGIO DE REGÊNCIA IV .....	131
CARREIRA DOCENTE: IMPLICAÇÕES E DESAFIOS DA PROFISSÃO .....	146
LITERATURA INFANTO-JUVENIL: INSTRUMENTO MOTIVADOR DA LEITURA EM JOVENS LEITORES ATRAVÉS DO LIVRO <i>A BOLSA AMARELA</i> , DE LYGIA BOGUNGA.....	160

NÃO VOU LÁ PORQUE É BARRIL: UMA ANÁLISE LÉXICO-SEMÂNTICA DA LÍNGUA FALADA DOS JOVENS BARREIRENSES..... **178**

GÊNERO E CURRÍCULO: O PAPEL DA MULHER NA CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO LIBERTADOR NO ROMANCE “O DIA DOS PRODÍGIOS” ..... **198**

“RACISMO NA INFÂNCIA: AS MARCAS DA EXCLUSÃO”: SOB A PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO DISCURSO CRÍTICA ..... **214**

LÍNGUA/LINGUAGENS: O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM SEUS DIFERENTES CONTEXTOS ..... **231**

A CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO NA ESCRITA DE ESTUDANTES DE NÍVEL MÉDIO E SUPERIOR EM BARREIRAS: UMA ANÁLISE VARIACIONISTA ..... **244**

ENTRE *TROLAGENS E MIÇANGAS*: UMA ANÁLISE DO LÉXICO EM PÁGINAS DO FACEBOOK..... **265**

## APRESENTAÇÃO

Esta publicação constitui um registro dos textos apresentados, em formato de artigo científico, no IV Encontro de Letras: 21 anos de intera(r)tividade docente. O evento foi organizado pelo Colegiado de Letras da Universidade Estadual da Bahia (UNEB) – campus IX nos dias 14, 15 e 16 de agosto de 2018. Os trabalhos são frutos de pesquisa de professores e discentes da instituição. Vale ressaltar, que a revisão do textos é de responsabilidade dos seus autores.

Em consonância com as atuais e constantes discussões concernentes às demandas curriculares da área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, o Colegiado de Letras UNEB – DCH Campus IX tem a preocupação de criar um espaço de reflexão sobre o contexto educacional que afeta os profissionais que lidam com os componentes curriculares dessa área. Diante disso, decidiu realizar o IV encontro de Letras na intenção de discutir sobre os saberes necessários à formação docente do aluno do curso de Letras, destacando a importância dos saberes teóricos relacionados à área de língua e literaturas associados às experiências do conhecimento prático no processo de formação inicial desses discentes.

A partir dessas questões, o objetivo do evento é refletir sobre alguns desafios e possibilidades de articulação entre teoria e prática na formação dos futuros professores do curso de Letras. O papel da teoria é oferecer aos futuros e atuais professores perspectivas de análises para compreender os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais, e de si mesmos, nos quais se dá sua atividade docente, para neles intervir, transformando-os. Dessa maneira, é fundamental

o permanente exercício da crítica das condições materiais nas quais o ensino ocorre.

O reconhecimento de que somos uma Universidade potencialmente de Formação de Professores e agentes políticos exige o debate, a reflexão e proposição de alternativas para essa formação – como o redimensionamento do currículo e a reflexão da ação na ação de nossos discentes – que possibilitem o enriquecimento da instituição, enquanto espaço de ensino e pesquisa, bem como da educação como um todo. O IV Encontro de Letras constituiu, desse modo, um espaço para a socialização de leituras e pesquisas, com foco na intera(r)tividade docente.

A escolha da temática norteadora do evento, que insere a teoria e a prática como eixos de discussão dos trabalhos, deveu-se à preocupação com as diretrizes que ora determinam novas formas de se pensar a linguagem, na tentativa de contemplar as premissas de abordagem que se inserem no âmbito inter e transdisciplinar. Nessa perspectiva, a proposta do evento pretende contribuir para a construção de um olhar abrangente sobre a interatividade de saberes que se constroem em interface com a cultura, as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), as mídias e as interfaces entre a literatura e demais artes.

Como essas temáticas que subscrevem o tema são de interesse sócio cultural amplo, abrangendo diferentes modos de acessar e compreender os diferentes códigos da linguagem, entendemos que a divulgação dos trabalhos contribuirá qualitativamente, não apenas para a formação dos futuros docentes, mas, principalmente, com a melhoria da qualidade da educação básica de Barreiras e região. Sendo assim, faz-se cumprir uma das funções essenciais da Universidade que é extrapolar o ambiente das salas de aula e o espaço



físico do Departamento, principalmente tratando-se de um curso de licenciatura, como é o caso do curso de Letras, cujas ações se atualizam principalmente na esfera do ensino.

À vista da discussão aqui proposta, os objetivos que nortearam a realização do evento são:

- ✓ Discutir as atuais tendências teórico-metodológicas que envolvem a teoria e prática na forma(ção) docente do curso de Letras;

- ✓ Socializar as experiências de ensino e a produção científica dos profissionais e acadêmicos do Campus IX e demais profissionais da Educação interessados na área das linguagens;

- ✓ Analisar os diferentes diálogos dos profissionais e dos futuros profissionais do Campus IX com seus pares de outras instituições de ensino.

- ✓ Analisar a política de desenvolvimento da form(ação) docente frente ao currículo teórico e prático

- ✓ Divulgar a produção científica do Colegiado de Letras do DCH Campus IX.

Assim, diante da necessidade de que se concretize efetivamente a democratização do saber, faz-se necessário que as instituições de ensino dialoguem com a comunidade. Eis aí a relevância social desse evento – a socialização da produção científica da comunidade acadêmica do DCH –Campus IX.

As organizadoras  
Ana Érica Reis da Silva Kühn  
Zoraide Magalhães Felício



# REPRESENTAÇÕES FEMININAS EM *RAINHA VASHTI*, DE MYRIAM FRAGA

Andréa Silva Santos

O nosso estudo volta-se para as representações femininas e aborda a maneira como a escritora baiana Myriam Fraga coloca em cena mulheres que são silenciadas, problematizando uma gama de discursos hegemônicos, característicos de uma sociedade falocêntrica, onde o homem decide o que cabe ou não àquelas. Selecionamos a obra *Rainha Vashti* (2015), que é um poema dramático. Partimos da leitura crítica da obra, a seleção de alguns poemas para análise e da pesquisa e leitura bibliográfica sobre o tema proposto.

Na obra supracitada, Myriam Fraga (re) visita a narrativa bíblica, envolvendo a rainha Vasthi. Trata-se de um texto que é lírico, formado por diversos poemas, os quais seguem também a estrutura de um drama, narrando a história de Vashti, esposa do rei Ashuero. Este, após perder algumas batalhas e, para disfarçar o fracasso, deseja ostentar suas riquezas. Ele abre as portas do palácio para visitação e, durante muitos dias, promove festas. Em certo momento, decide mostrar a joia mais valiosa, no caso, a rainha, e ordena que esta apresente-se diante do público, ordem que não   obedecida.

Ao receber a ordem de apresentar-se diante do público, em um dia de festa, quando o monarca expõe seu poderio, Vasthi rompe a tradi o do silêncio, da obediência e diz não. Ao proferir o discurso de nega o, afirma o seu lugar de fala, contesta a condi o da mulher, rasurando o campo das interdi oes, como notamos em Michel Foucault (2005).

Sua fala coloca em xeque o fato de ser um adorno, um corpo-objeto a ser exibido diante de olhos curiosos; desestrutura a malha discursiva sobre o feminino – manual do bom comportamento, discutido por Guacira Louro (2008). A protagonista, cuja situação subalterna não é um caso isolado, traz em seu discurso a complexa situação de servas e concubinas, as quais também têm o destino tecido pelo Rei Ashuero. Cria-se, a partir da negativa, uma tensão. Como aceitar que ela, na condição de mulher, coloque em risco a autoridade de um soberano?

A resposta é dada em forma de punição, o que serve como exemplo para que outras mulheres não afrontem seus senhores. Constatamos que Fraga questiona a estrutura social, seus mecanismos de poder e violência; constrói outros discursos; revela mulheres que entram em choque com as imposições culturais dialogando com Elódia Xavier, em *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino* (2007) e mostra que a literatura pode ser uma prática humanista, como em Edward Said (2007).

Entre as teóricas e teóricos, destacamos Guacira Lopes Louro (1997, 2003, 2008, 2018); Cláudia Nigro (2015, 2018); Elódia Xavier (1991, 2007); Judith Butler (2003, 2018); Joan Scott (1995); Simone de Beauvoir (1980); Regina Dalcastagné (2012); Djamila Ribeiro (2017); Michel Foucault (2005, 2005); Edward Said (2007); Giorgio Agambem (2009); Evelina Hoisel e Cássia Lopes, organizadoras do livro *Poesia e Memória: a poética de Myriam Fraga* (2011); Maria Aparecida Baccaga (1995); Antonio Candido (2006); algumas coletâneas, como: *Gênero e representação na Literatura Brasileira* (2002); *Da mulher às mulheres: dialogando sobre literatura, gênero e identidades* (2006); *Memórias da Borborema 3: Feminismos, estudos de gênero e homoerotismo* (2014).

A respeito da autora, salientamos que Myriam de Castro Lima Fraga nasceu em Salvador, em 1937 e começou a trilhar sua carreira entre os anos de 1957-1958, a partir dos encontros entre intelectuais, os quais frequentavam a Universidade Federal da Bahia, a Escola de Teatro e a Casa de Cultura e tinham o objetivo de promover discussões sobre arte e literatura, bem como as suas próprias produções.

Myriam Fraga estreou em poesia com o livro *Marinhas* em 1964, ao qual se seguiu *Sesmaria* (1969) – ganhador do prêmio Arthur de Salles; o *Livro dos Adynata* (1973); *A Ilha* (1975); *O risco na pele* e *A cidade* (1979); *As purificações ou O sinal de Talião* (1981); *A lenda do pássaro que roubou o fogo* (1983); *Six poemas* (1985); *Os deuses lares* (1991); *Die Stadt* (1994); *Femina* (1996); *Poesia Reunida* (2008); *Rainha Vashti* (2015); *Ventos de verão* (2016); *Poemas* (2017); *Mínimas histórias gerais* (2018) e *Peregrinos e Torta de maçã* (2018). No que se refere às obras em prosa, citamos *Flor do sertão* (1986); *Uma casa de palavras* (1997) e *Leonídia, a musa infeliz do poeta Castro Alves* (2002).

Em se tratando dos livros do universo juvenil, seguem alguns títulos como Castro Alves (2001); Jorge Amado (2002, 2003); Luís Gama (2005); *O pássaro do sol* (2012). Myriam Fraga participou de várias antologias, entre elas *Em carne viva* (1984); *Poetas contemporâneos* (1985); *Sincretismo – a poesia da geração 60* (1995); *Poésie du Brésil* (1997); *Poesia em Lisboa* (1998); *A poesia baiana no século XX* (1999); *Antologia de poetas brasileiros* (2000); *Águas dos trópicos* (2000); *Perfil Grécia – em poetas do Brasil* (2004); *Geopoemas/Geopoems* (2007) e integrou o livro *Autores Baianos: um Panorama* (2013) – uma edição trilingue (inglês, alemão e espanhol).

Myriam Fraga foi uma intelectual bastante atuante no cenário baiano. Ela colaborou, entre 1984 e 2004, com o jornal *A Tarde*, na linha de assuntos ligados à vida literária e cultural da Bahia. Foi Diretora do Departamento de Literatura da Fundação Cultural do Estado da Bahia no início dos anos oitenta. Seu trabalho focalizou ações referentes à divulgação das produções dos novos poetas locais, o que a envolveu com a realização de Encontros Literários em parceria com o Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia – UFBA, visando promover discussões em torno da produção literária da Bahia. A escritora foi eleita por unanimidade como membro da Academia de Letras da Bahia e tomou posse em 30 de julho de 1985. Também ocupou o cargo de Diretora da Fundação Casa de Jorge Amado desde a sua inauguração, de 1986 até 2016, ano em que faleceu. O seu trabalho consistiu, entre outras, em desenvolver ações para divulgar a obra do escritor, além de incentivar a publicação de jovens escritores por meio da “Casa de Palavras”.

Myriam Fraga recebeu diversos prêmios, dentre eles: Prêmio Arthur de Salles (1969); Prêmio Casimiro de Abreu (1972); Medalha Castro Alves (1984); Personalidade Cultural (1987); Medalha Maria Quitéria (1996); Prêmio Copene de Cultura e Arte (1996); Prêmio Alejandro José Cabassa (1998); Comenda do Mérito Cultural, do Governo do Estado da Bahia, em novembro de 2014 e o Prêmio pelo Conjunto da Obra, concedido em novembro de 2015.

A obra de Myriam Fraga tem uma recepção crítica favorável e é fonte de significativos estudos, envolvendo Iniciação Científica, Mestrado e Doutorado. Entre os trabalhos, citamos a dissertação de Franciele Santos Galante, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Literatura e Diversidade Cultural, da Universidade Estadual de

Feira de Santana, em 1996, cujo título é *Prismas da Cidade: o olhar lírico de Myriam Fraga*; o trabalho de mestrado *Nas tramas do existir: O mítico e o feminino na poesia de Myriam Fraga*, de Ricardo Nonato de Almeida Abreu Silva, do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística (nome anterior), na Universidade Federal da Bahia – UFBA, em 2009.

Elencamos também a dissertação de Vilma Santos da Paz, *Labirintos de uma memória cidadina: leituras e caminhos em Sesmária, de Myriam Fraga*; defendida na Universidade Federal da Bahia, em 2011; a de Raquel Maria Soares da Costa, *Bestiário em Myriam Fraga: Metáforas para a condição feminina*, defendida na Universidade Federal da Paraíba, em 2011; a dissertação de Verônica Trindade, *Encantos Líricos da Cidade: O Urbano e a Paisagem Ecológica em Myriam Fraga*, apresentada à Universidade Estadual de Feira de Santana, em 2014 e *Travessias Urbanas e Memórias do Mar na poesia de Myriam Fraga*, ligada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, da Universidade Estadual de Feira de Santana, defendida por Andréa Silva Santos em 2015; a tese, de Ricardo Nonato, *Mais que uma vida de papel: criação, memória e biografia em Myriam Fraga*, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teoria Literária, da Universidade Federal do Pernambuco, em 2017.

Outras pesquisas estão em andamento, visto que o universo literário de Fraga – que navega entre múltiplas temáticas, como por exemplo, a memória, a cidade, o mar, o mito, o histórico, o feminino – é muito vasto, podendo ser estudado em diversos aspectos formais e temáticos.

A produção de Fraga coloca-se na posição de confrontar discursos fortalecidos ao longo do tempo, criando meios para discussões fecundas

e pertinentes à contemporaneidade, revelando o quanto a literatura pode propiciar a reflexão a respeito de velhas práticas, as quais nunca fizeram sentido, mas que sobrevivem, refletindo modos de vida que, em alguns casos, sustentam-se na atualidade.

A poética de Myriam Fraga sustenta-se a partir de um trabalho com a representação das imagens femininas, atribuindo à literatura um olhar mais humanista, o qual percebe a crítica “como uma forma de liberdade democrática e como uma prática contínua de questionar e acumular o conhecimento que, em vez de as negar, está aberto às realidades históricas [...]” (SAID, 2007, p. 69). Por isto, Myriam coloca no centro da sua poesia, dentre outras, a discussão em torno de mulheres que rompem a tradição de silenciamento, de apagamento de seus direitos. Conforme Guacira Lopes Louro: “A segregação social e política a que as mulheres foram conduzidas tivera como consequência a sua ampla invisibilidade” (1997, p.17).

As mulheres passam a ter direito de falar, colocando-se à prova diante de adversidades, como a rainha Vashti. Podemos, em se tratando de outros poemas, fazer referência à Joana D’Arc, queimada na fogueira, do livro *Poesia Reunida* (2008); à fênix que se ergue das cinzas, reiventando-se, do livro *Poemas*, de 2017, do qual elencamos: “Pintei as unhas de vermelho,/ Cortei o cabelo,/Mudei a cor do batom./ E fui buscar minha vida/Que um dia deixei perdida,/Nos enganos que guardei/ Quebrei os cristais e os pratos,/Queimei todos os retratos/E então me reinventei”(p.65). O comportamento da fênix desestrutura o campo discursivo que define um parâmetro para o ser mulher: “Fazer-se mulher dependia das marcas, dos gestos, dos comportamentos, das preferências e dos desgostos que lhes eram ensinados e reiterados,



cotidianamente, conforme normas e valores de uma dada cultura”. (LOURO, 2008, p. 17)

Na ressignificação do relato bíblico, envolvendo a Rainha Vashti (2015), destacamos: “Uma mulher/ Que recusa obediência/É um inimigo vivendo/Em nossa casa, / Um traidor comendo/ Em nossa mesa,/ Uma serpente dormindo,/Em nossa cama”(p.85). A partir destes trechos, notamos que há enunciados que sustentam a submissão da mulher, determinando que elas devem obedecer aos seus “maridos”. São definidos os papéis cabíveis aos homens e às mulheres. Àqueles, o topo da hierarquia, a posição de chefes; para as mulheres, cabe o interior das casas, o silêncio e, no caso da obra estudada, o serralho, à espera do chamado do rei.

O que há são construções sociais e culturais que fazem que homens e mulheres sejam educados e socializados para ocupar posições políticas e sociais distintas, normalmente cabendo aos homens as posições hierárquicas mais elevadas, enquanto às mulheres são reservadas as posições menos privilegiadas. (SILVA; SILVA, 2006, p.166)

Myriam Fraga coloca em xeque alguns enunciados, produzindo uma gama de sentido, trazendo para o âmbito do literário a reflexão em torno da categoria de gênero, de modo que é possível perceber que “as relações entre os gêneros são relações assimétricas de poder e de desigualdade[...]” (NIGRO, 2015, p. 15). O rei Ashuero representa o poder instituído, Vashti, por outro lado, é o subalterno.

Vashti rompe o silenciamento que conhecemos a partir do texto bíblico, já que neste sabemos apenas que a rainha não mais será chamada à presença do rei, ou seja, ela é destituída, e a jovem Esther torna-se rainha. Ela profere: “E teu poder, qual seja de um rei, /De um

deus ou de um homem, /Não me atinge” (p.97). Ela, com sua atitude, revela-se uma mulher consciente, com visão crítica, política. Nega-se a obedecer ao marido, revelando a farsa que é o reino de Ashuero, a “ordem” estabelecida, visto que “O sujeito que fala é sempre masculino, na literatura, na lei e na tribuna. A ele são reservados os lugares de destaque, tornando o homem mais visível” (SCHOLZE, 2002, p. 175). Myriam Fraga contesta o silêncio, a exclusão da mulher e coloca em pauta as masculinidades e feminilidades, revelando quem oprime e quem é oprimido, ao passo que desconstrói enunciados essencialistas e revela por meio da literatura a possibilidade de travessias, de rupturas, confirmando que:

A literatura é o espaço para que tais apontamentos sejam realizados: a ficção quebra os signos e artefatos do considerado essencial e recompõe com a invenção, a fragmentação. Ao reavaliar os espaços ocupados pelo gênero na obra literária, reavaliam-se os papéis das personagens femininas e masculinas e cria-se o lugar para a ruptura. (NIGRO, 2015, p. 16)

Vashti não faz o que era esperado. Ela, com altivez, desmoraliza o poder de seu esposo, sendo um péssimo exemplo para outras mulheres: “Me guardo no silêncio do meu quarto /Nenhum passo, nenhuma profecia/Me indicará o rumo do compasso. / Não serei como flor despetalada, /Levada pelos ventos do deserto. /Para mim haverá o rumo certo, /Os passos com que meço meu destino. /Espinhos sob os pés, danço a minha morte” (FRAGA, 2015, p.78-79). Logo, a rainha Vashti, pelo olhar de Myriam Fraga, rompe as imposições das malhas discursivas, contrariando os princípios que regulam a liberdade e norteiam a produção discursiva: “Sabe-se que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que

qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa.” (FOUCAULT, 2005, p. 09).

A rainha assume as consequências de sua atitude quando se nega a cumprir a ordem do rei Ashuero, o que prova que “As relações sociais são relações de poder, pois são marcadas por hierarquias, obediências e desigualdades”. (NIGRO; CHATAGNIER; GALBIATI, 2015, p. 240). Vashti, mesmo tendo consciência de que seria punida, não recuou. É uma mulher que desperta, desenvolve uma visão crítica, impondo-se a um sistema cultural que determina as normas de conduta, atribuindo-lhe um comportamento. Ela contraria “ordem” vigente, já que:

Conselhos e palavras de ordem interpelam-nos constantemente, ensinam-nos sobre saúde, comportamento, religião, amor, dizem-nos o que preferir e o que recusar, ajudam-nos a produzir nossos corpos e estilos, nossos modos de ser e de viver. Algumas orientações provêm de campos consagrados e tradicionalmente reconhecidos [...], como o da medicina ou da ciência, da família, da justiça ou da religião. (LOURO, 2008, p.19)

Sendo uma rainha, cabia-lhe determinado comportamento na esfera social, no caso, seguir regras e servir como modelo para outras mulheres, o que implica uma série de questões, as quais envolvem o âmbito histórico, político, social, cultural. A rainha se interroga quanto à sua vida: “Retorno a este jardim/E não me encontro, /Nem consigo rever-me/Nos espelhos. /Sei dos muros – simetria, /Sei das pulseiras – algemas, /Sei das promessas – mentiras, /Nas cartas deste baralho, /Na ilusão deste jogo, /Escolho ou sou escolhida, /Sou rainha ou sou cativa? (FRAGA, 2015, p. 63-64).

Sua situação não é um caso isolado. Vashti traz em sua oralidade a inquietação de outras mulheres. Sua voz agrega outras vozes e juntas são reveladas ao leitor pela autora Myriam Fraga. Ao dizer

“não”, fala em seu nome, mas também em nome de suas servas, das concubinas, contestando a sua desvalorização; o fato de ser um adorno; objeto a ser exibido diante de olhos curiosos e ávidos; a posição submissa que relegaram para a mulher. Na manifestação das concubinas, observamos: “Somos aves de silêncio/Com nossas línguas cortadas, / Somos pássaros sem asas/Numa gaiola dourada,/ Somos cartas num baralho/ De figuras apagadas,[...]”(FRAGA, 2015, p.73). Acompanhamos corpos disciplinados, preparados para reproduzir um padrão instituído pela sociedade. Myriam, entretanto, confirma que:

Todo gesto estético é sempre um ato político no sentido de representar o lócus de enunciação onde o artista está alocado. Assim, a literatura como os outros constructos artísticos pode trazer à cena social as vozes de determinados sujeitos que foram silenciados ao longo dos tempos. Esses sujeitos também podem ser entendidos aqui como corpos, ou melhor, como corpos dissidentes, que ainda são vítimas de preconceitos[...]. (NIGRO et al, 2018, p. 18)

É importante ressaltarmos que, ao conferir a oportunidade de manifestação oral para a rainha, Myriam Fraga refuta a estrutura social, ressalta corpos disciplinados, mas que, mesmos subalternos, entram em choque com as imposições culturais, o que nos permite relacionar as mulheres de Fraga às considerações de Elódia Xavier, na obra *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino* (2007).

Fraga põe em destaque mulheres que ocupam um papel matriz na cena de enunciação, construindo a partir de si e do ser mulher uma crítica do poético, mostrando que “Pensar em lugar de fala seria romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento no sentido de romper com a hierarquia.” (RIBEIRO, 2017, p. 90). A escritora desconstrói a ideia de que o fazer literatura é uma

prática masculina, ao passo que invoca o leitor para acompanhar a escrita do feminino. A atitude de Myriam comprova que a literatura “desconcerta, incomoda, desorienta, desnorteia mais que os discursos filosófico, sociológico ou psicológico porque ela faz apelo às emoções e à empatia [...]” (COMPAGNON, 2012, p. 64).

Divisamos um procedimento bastante contemporâneo, como pondera Giorgio Agamben (2009), que consiste em desviar o olhar do seu tempo para poder compreender melhor o que se passa no momento atual. Isso é recorrente na poética de Myriam Fraga, que remonta, entre outros, à mitologia greco-romana, aos fatos históricos, às narrativas tradicionais, como os contos de fada, e que, não faz diferente em Rainha Vashi (2015):

Pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual; mas exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e apreender o seu tempo. (AGAMBEN, 2009, p.58-59)

Em *Rainha Vashti*, Fraga remonta aos tempos do relato bíblico, seguindo o procedimento apontado por Agamben. Ela assume a atitude anacrônica, dissocia-se de um dado contexto e época; observa outro tempo e situações para melhor compreender e refletir sobre algumas questões. E, estas mantêm, de algum modo, relação com aspectos pertinentes ao momento presente. A escritora, certamente, não compactua com determinados discursos, posicionamentos, comprovando com sua escrita que

A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma

distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. (AGAMBEN, 2009, p. 59)

As escolhas feitas por Myriam Fraga fazem de sua poesia uma ferramenta que propicia a revisitação de outros cenários, tempos, culturas e, conseqüentemente, a elaboração de “experiências” capazes de contestar e mostrar outras versões das histórias que perpassam a experiência humana, colaborando para que o sujeito tenha uma consciência crítica, posicionamentos reflexivos frente aos mais diversos contextos culturais, questionando os discursos hegemônicos, androcêntricos, bem como tomando as rédeas do seu estar no mundo consigo e com o outro.

Em suma, trata-se de um despertar para uma conduta que é, de alguma forma, política, humanista, realçando que “Os estudos de gênero. (Gender Studies), incluídos nos Estudos Culturais, apresentam-se cada vez mais como uma das formas possíveis de analisar a condição humana no texto literário, nesse tecido de palavras e ideologias[...]” (NIGRO et al, 2018, p. 17).

A obra de Myriam Fraga abarca poemas, a partir dos quais percebemos a palavra literária como forma de contestar modelos de uma sociedade conservadora, incapaz de compreender outras alteridades. A poética escolhida revisita os silêncios em torno das mulheres que elege, atribuindo a estas o direito de se expressarem.

Myriam mostra como a literatura, produtora de “representações”, cria e recria as experiências humanas, construindo a possibilidade de novos posicionamentos da mulher, que passa a reivindicar o seu direito como sujeito. E, nesse processo, a escritora também revela o seu lócus de enunciação, a sua ideologia. Assim, podemos destacar

as considerações de Elódia Xavier: “sabe-se da estreita relação entre linguagem e sujeito, e, portanto, quando uma mulher articula um discurso este traz a marca de suas experiências, de sua condição, práticas sociais diferentes geram discursos diferentes”. (1991, p. 13.).

Desta maneira, a literatura atua como forma de reflexão sobre as práticas culturais, possibilitando o estudo das representações a respeito do feminino no bojo da literatura brasileira contemporânea. Isto comprova o quanto a escritura literária pode ser uma forma de instigar, desestruturar modelos históricos discriminatórios, estereótipos, investigando formas de criar oportunidades para grupos subalternos.

A produção literária supracitada desconstrói os discursos hegemônicos, ao passo que concebe o fazer literário como uma prática cultural, garantindo-lhe lugar no campo discursivo. Fraga mostra o quanto a escritura poética é capaz de provocar discussões; revisar comportamentos; levar o sujeito a um posicionamento crítico, político, atento aos vários contextos em que engendra suas experiências. A poética estudada interpela a estrutura patriarcal, seus mecanismos de poder e violência. Coloca em cena mulheres que reivindicam seus direitos, entrando em choque com as imposições culturais.

Ao minar a ordem estabelecida, a obra de Myriam Fraga revela a possibilidade de ruptura, evidenciando que a palavra literária pode ser compreendida como forma de resistência à opressão, denotando caminhos para uma prática mais humanista.

## REFERÊNCIAS

ADICHE, Chimamanda. *O perigo da história única*. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=EC-bh1YARsc>. Acesso em 17 out. 2018.

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- BACCEGA, Maria Aparecida. *Palavra e Discurso: Literatura e História*. São Paulo: Ática, 1995.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. v.1, Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo*. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1989. BIBLIA. Português. Bíblia sagrada. Tradução: Centro Bíblico Católico. 34. ed rev. São Paulo: Ave Maria, 1982.
- CAVALCANTI, Ildney; LIMA, Ana Cecília Acioli; SCHNEIDER, Liane. *Da mulher às mulheres: dialogando sobre literatura, gênero e identidades*. Maceió: EDUFAL, 2006.
- COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* Tradução de Laura Taddei Brandinit. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo, Editora Horizonte. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.
- DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2007.
- DUARTE, Constância Lima; DUARTE, Eduardo de Assis; BEZERRA, Kátia da Costa. (Orgs.). *Gênero e representação na Literatura Brasileira – Coleção Mulher & Literatura*. v. 2. Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários: UFMG, 2002.



DUARTE, Constância Lima. Literatura feminina e crítica literária. In: *Travessia*: revista do Curso de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da UFSC, 2º semestre, 1990, p. 15-23.

ELIADE, Mircea. *Mito do eterno retorno*. Tradução José A. Ceschin. São Paulo: Mercuryo, 1992.

ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. Tradução Pola Civelli. Editora Perspectiva, 1972.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

\_\_\_\_\_. Sobre as Maneiras de Escrever a História – Ditos e Escritos. In: *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Organização e seleção de textos, Manoel Barros da Motta; tradução Elisa Monteiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FRAGA, Myriam. *Poesia Reunida*. Salvador: Assembleia Legislativa do estado da Bahia, 2008.

\_\_\_\_\_. *Rainha Vashti*. Ilustrações de Olga Gómez. Salvador: A Roda Teatro de Bonecos, 2015.

\_\_\_\_\_. *Poemas*. 1. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da Lírica Moderna*. São Paulo: Duas Cidades, 1991.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Organização e revisão técnica: Arthur Ituassu. Tradução Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Edu. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HOISEL, Evelina. Poesia e Memória. In: FRAGA, Myriam. *Poesia Reunida*. Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2008.

HOISEL, Evelina; LOPES, Cássia (Org.). *Poesia e Memória: A poética de Myriam Fraga*. Salvador: EDUFBA, 2011.

HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-modernismo: história, teoria, ficção/ tradução Ricardo Cruz*. – Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. *Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas*. In: *Pro-Posições*, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>. Acesso em 17. jun. 2018.

\_\_\_\_\_. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e a teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MENDES, Cleise. Rainha Vashti. A dimensão lírica de uma fábula política. In: FRAGA, Myriam. *Rainha Vashti*. Ilustrações de Olga Gómez. Salvador: A Roda Teatro de Bonecos, 2015.

NIGRO, Cláudia Maria Ceneviva; CHATAGNIER, Juliane. (Orgs.). *Literatura e gênero*. 1.ed. São Paulo: Cultura Acadêmica; São Jose do Rio Preto, SP: HN, 2015.

NIGRO, Cláudia Maria Ceneviva; CHATAGNIER, Juliane; LARANJA, Michelle Rubiane da Rocha (Orgs.). *Corpos que (se) importam: refletindo questões de gênero na literatura e em outros saberes*. Campinas, SP: Ponte Editores, 2018.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

SAID, Edward. *Humanismo e crítica democrática*. Tradução: Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, João Bosco dos. A polifonia no discurso literário. In: FERNANDES, Cleudemar Alves; SANTOS, João Bosco dos (Orgs.). *Teorias Linguísticas: problemáticas contemporâneas*. Uberlândia: EDUFU, 2003. p. 45-50.

SCHOLZE, Lia. A mulher na literatura: gênero e representação. In: BEZERRA, Kátia da Costa; DUARTE, Constância Lima; DUARTE, Eduardo de Assis (Orgs.). *Gênero e representação na Literatura Brasileira*. Coleção Mulher & Literatura. v.2. Belo Horizonte: Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários, 2002, p. 174-182.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, n° 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da (Org.). *Memórias da Borborema 3: Feminismo, estudos de gênero e homoerotismo*. Campina Grande: Abralic, 2014.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto – 2ª ed. 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

VERNANT, Jean Pierre. *Mito e pensamento entre os gregos*. Rio de Janeiro Paz e Terra, 1990.

XAVIER, Elódia. *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*. Santa Catarina: Editora Mulheres, 2007.